

VICENTE

COLECÇÃO DIRIGIDA POR OSÓRIO MATEUS

Ernestina Carrilho
GLÓRIA

Quimera

LISBOA 1993 | e-book 2005

Segue-se a terceira cena que é endereçada à embarcação da glória. Trata-se per dignidades altas: Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo, Emperador, Rei, Duque, Conde. Foi representado ao muito nobre rei dom Manoel, o primeiro deste nome, em Almeirim. Era do redentor de 1519 anos.

Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente (1562: 55 - 60)

Glória é o segundo auto que Vicente apresenta por ocasião da semana santa. Em 1519, um ano depois de *Alma*, os dias que lembram a morte do filho de Deus começam a tornar-se tempo habitual de teatro na corte. A representação desta *cena* pode ter acontecido *em a noite de endoenças*, como *Alma*, ou em qualquer outro momento dos dias santos, que vão de quinta-feira a domingo de Páscoa. Braamcamp Freire (1919, 1944) propõe a data de 22 de Abril de 1519, sexta-feira de endoenças, mas *Glória* não parece ser um auto muito adequado à realidade litúrgica de quinta ou sexta-feira santas. A vinda do Cristo *da ressurreição*, de que a rubrica final conserva memória, faz mais sentido se o teatro tiver lugar em dias que celebram Cristo ressuscitado – sábado de aleluia, 23 de Abril, como é opinião de Pierre David (1945) e de Paulo Quintela (1956), ou domingo de Páscoa, dia 24. Teófilo Braga (1898) já localizara *Glória* em dias de redenção (sábado ou domingo).

Este auto, que figura entre as *obras de devaçam, é de capela*. Os espectadores vão à igreja de propósito para assistir à representação, ou já lá estão, talvez em vigília pascal. O teatro pode ter funcionado como objecto autónomo ou pode ter sido integrado num ofício.

A capela é a dos paços reais de Almeirim, localidade em que a corte permanece de 19 de Novembro de 1518 até meados de Maio de 1519. No mesmo lugar sagrado já tinha sido apresentada *Fé* (1509) e, nos anos 20, vai ainda acontecer a representação de *História de Deos* e talvez a de *Ressurreição*. No século XX, dos paços e da capela já nada resta. O leitor de *Glória* pouco mais sabe deste espaço além daquilo que os versos quinhentistas mostram. Se o teatro é preparado para determinado espaço, as palavras programadas podem guardar memórias de adequação deíctica. O auto parece ser concebido para uma determinada arquitectura, conhecida de Vicente, e algumas falas textualizam a capela, integrando no aparato do espectáculo elementos materiais existentes na igreja real. Recuperam-se imagens de um quadro perdido que representa o Inferno e invocam-se as figuras de uma Via Sacra, talvez presente também em quadro.

Esta *terceira cena* faz cumprir o programa (*em tres partes*) que a *Copilaçam* inclui na rubrica inicial de *Inferno*. As palavras de 1519 também conservam memória das representações anteriores: *el viaje primero (Inferno 1517 ou 1518)*, *el segundo viaje (Purgatório 1518)*, evocadas logo na terceira fala do auto, pela voz do Diabo, e *Alma*, de forma menos explícita. Dos quatro autos, todos em espaços diferentes, só o primeiro não foi representado numa capela mas numa câmara. *Glória* é o único apresentado fora de Lisboa.

A rainha Lianor, que vira *Inferno*, *Purgatório* e *Alma*, já não está presente e pode ser a primeira vez que isso acontece. Não é mencionada na rubrica inicial, nem volta a ser referida em textos de autos anteriores a 1525, data da sua morte. A *Copilaçam* fala apenas de um espectador, o rei Manuel, que tinha visto *Inferno* e *Alma*. Espectadora terá sido também Leonor de Áustria, irmã do imperador Carlos V e recém-casada com o rei de Portugal. As *dignidades altas* e os Anjos, mas também o Diabo e a Morte, falam a língua da rainha nova – os três autos anteriores tinham sido em português, *Glória* é em castelhano.

A glória, que deu nome ao auto, fora motivo da primeira cena entre a Alma e o Anjo, em 1518 (*Alma*: 38c-39a). Em *Inferno* e *Purgatório*, o Paraíso já era destino possível da viagem após a morte (diz um Anjo, em *Purgatório*: *à glória à glória senhores* – 50a). Na capela de Almeirim, em 1519, a representação das barcas, a sequência da entrada dos Anjos e da vinda do Diabo trazem certamente memórias destes dois autos.

Primeiramente entram quatro Anjos cantando e trazem cinco remos com as cinco chagas e entram no seu batel.

Vem o arrais do inferno e diz ao seu companheiro:

*. Patudo ve muy saltando
llámame la Muerte acá
dile que ando navegando
y que la estoy esperando
que luego se volverá.*

55a

Vem a Morte: . Qué me quieres?

*Diabo . Que me digas por qué eres
tanto de los pobrecicos
bajos hombres y mujeres
destos matas cuantos quieres
y tardan grandes y ricos*

*en el viaje primero
m'enviaste oficiales
no fue más de un caballero
y lo ál pueblo grosero
dejaste los principales.
y vilanaje
en el segundo viaje
siendo mi barco ensecado
ah pesar de mi linaje
los grandes de alto estado
cómo tardan en mi pasaje.*

Morte . *Tienen más guaridas esos
que lagartos d'arenal.*

Diabo . *De carne son y de huesos
vengan vengan que son nuestos
nuestro derecho real.*

Morte . *Ya lo hiciera
su deuda paga me fuera
mas el tiempo le da Dios
y preces le dan espera
pero deuda es verdadera
yo los porné ante vos*

55b

*voyme allá de soticama
a mi estrada seguida
verás como no m'escapa
desde el Conde hasta el Papa
haced prestes la partida.*

Diabo . *En buen hora.*

Glória apresenta uma grande novidade na série de autos com barcas e no teatro de Vicente: a representação da morte por corpo vivo. A nova figura vem responder às perguntas feitas pelo Diabo, num momento em que o teatro já tinha representado o julgamento das almas de *los pobrecicos – oficiales* e um *caballero* em *Inferno* e *vilanaje* em *Purgatório*. Tinham escapado os *grandes y ricos*, cuja demora é justificada: além de ser difícil encontrá-los, porque têm muitas *guaridas*, Deus dá-lhes tempo em vida – quem assiste ao final de *Glória* vê que lhes concede a eternidade depois da morte – e as suas preces garantem-lhes *espera* – no auto, a salvação divina. As palavras da Morte são também programa para o espectador: diz que nem aos poderosos perdoa *deuda verdadera* e promete trazer à presença do Diabo *desde el Conde hasta el Papa*.

Companheiro . *Pues el Conde que vendrá ora
irá echado o de qué suerte?*

Anjo . *Oh virgen nuestra señora
sed vos su socorredora
en la hora de la muerte.*

A invocação do Anjo é a primeira de uma série de prováveis referências aos objectos presentes na capela. A imagem da Virgem no espaço do teatro conserva-se na memória das palavras que, muitas vezes, sobrepõem o culto mariano ao de Cristo.

O que se segue no auto é um desfile de figuras, processo já conhecido de outras representações de teatro na corte. Como em *Inferno* e *Purgatório*,

apresentam-se almas depois da morte, no momento de decidir entre o merecimento das glórias do Paraíso e o castigo das penas infernais.

As almas de *los grandes de alto estado*, que o espectador vê finalmente representadas, estão reunidas num grupo mais homogêneo – tanto na origem como no destino – do que os dos outros dois autos com barcas. As figuras das mais altas dignidades do mundo conhecido de Vicente sucedem-se em duas séries – a do poder temporal (Conde, Duque, Rei, Imperador) e a do poder espiritual (Bispo, Arcebispo, Cardeal, Papa). Em *Pregação* (1506), Conde, Bispo, Arcebispo e Papa já apareciam por palavras. O poder espiritual tinha sido representado por corpos um ano antes, em *Alma*: três dos quatro doutores da Igreja (Agostinho, Ambrósio e Jerónimo) são Bispo, Arcebispo e Cardeal. Os actores são os mesmos ou outros. Os atributos que caracterizam as figuras podem não ter mudado e não devem ter sido muito diferentes dos que as identificam na iconografia da época, normalmente ceptros e coroas ou chapéus de formas e cores distintas. O grupo dos oito poderosos é motivo recorrente nas artes da Europa, separado ou não nas duas séries que aparecem em *Glória*.

Vem a Morte e traz o Conde e diz a Morte:

. *Señor Conde prosperado
sobre todos más ufano
ya pasastes por mi vado.*
Conde . *Oh Muerte cuán trabajado
salgo triste de tu mano.*
Morte . *No fue nada
la peligrosa pasada
desta muy honda rivera
es más fuerte y trabajada
más terrible en gran manera*

*ved señor si traéis friete
para aquel barco del cielo.*
Conde . *Allí iría yo por grumete.*
Morte . *Primero os sudará el topete.*
Conde . *Tú no das nunca consuelo
oh Muerte escura
pues me diste sepultura
no me des nuevas de mí
ya hundiste la figura
de mi carne sin ventura
tirana déjame aquí.*

Morte . *Hablad con ese barquero
que yo voy hacer mi oficio.*

55c

Diabo . *Señor Conde y caballero
días ha que os espero
y estoy a vuestro servicio
todavía
entre vuestra señoría
que bien larga está la prancha
y partamos con de día
cantaremos a profía
los hijos de dona Sancha.*

Conde . *Ha mucho que eres barquero?*

Diabo . *Dos mil años ha y más
y no paso por dinero
entrad señor pasajero.*

Conde . *Nunca tú me pasarás.*

Diabo . *Y pues quién?
mirad señor por itén
os tengo acá en mi rol
y habéis de pasar allén
veis aquellos fuegos bien
allí se coge la frol*

*veis aquel gran fumo espeso
que sale daquellas peñas
allí perderéis el vuestro
y más señor os confieso
qu'habéis de menzar las greñas.*

Conde . *Grande es Dios.*

Diabo . *A eso os atené vos
guzando ufano la vida
con vicios de dos en dos
sin haber miedo de Dios
ni temor de la partida.*

55d

Conde . *Tengo muy firme esperanza
y tuve dende la cuna
y fe sin tener mudanza.*

Diabo . *Sin obras la confianza
hace acá mucha fortuna
suso andemos
entrad señor no tardemos.*

Conde . *Voyme a estotra embarcación.*

Diabo . *Id que nos esperaremos.*

Conde . *Oh muy preciosos remos
socorred mi aflicción*

Lição primeira.

*oh parece mihi Dios mío
quia nihil son mis días
por qué ensalza tu poderío
al hombre y das señorío
y luego d'él te desvías.
con favor
visitas eum al albor
y súpito lo pruebas luego
por qué consientes señor
que tu obra y tu hechor
sea deshecha nel fuego?*

*ayudadme remadores
de las altas hierarquías
favoreced mis temores
pues sabéis cuántos dolores
por mí sufrió el Mesías.
sabed cierto
cómo fue preso en el huerto
y escopida su hermosura
y dende allí fue medio muerto
llevado muy sin concierto
al juicio sin ventura.*

Diabo . *Ahora se os acordó
el asno muerto cebada
de vos bien segura está
pensaréis que no sé yo
la huesa vida pasada.*

56a

Conde . *Yo te requero.*

Diabo . *Vos señor Conde agorero
fuistes a Dios perezoso
a lo vano muy ligero
a las hembras placentero
a los pobres reguroso*

*viva huesa señoría
para siempre con querella.*

Conde . *Oh gloriosa María.*

Diabo . *Nunca un hora ni día
os vi dar paso por ella.*

Vem a Morte e traz um Duque e diz:

*. Vos señor
Duque de grande primor
pensastes de m'escapar.*

Duque *. Oh ánima pecador
con fortíssimo dolor
sales de fraco lugar*

*cómo quedas cuerpo triste
dame nuevas. qué es de ti?
siempre en guerra me trojiste
con dolor me despediste
sin haber dolor de mí.
tu hechura
que llamaban hermosura
y tú misma la adorabas
con su color y blancura
siempre vi tu sepultura
y nunca crédito me dabas.*

Diabo *. Oh mi Duque y mi castillo
mi alma desesperada
siempre fuistes amarillo
hecho oro de martillo
esta es huesa posada.*

Duque *. Cortesía.*

Diabo *. Entre huesa señoría
señor Duque y remarás.*

Duque *. Hace mucha maresía
estotra barca es la mía
y tú no me pasarás.*

Diabo *. Veis aquella puente ardiendo
muy lejos allén del mar
y unas ruedas volviendo
de navajas y hiriendo?
pues allí habéis d'andar
siempre jamás.*

Duque *. Retro vaya Satanás.*

Diabo *. Lucifer que m'acreciente
señor Duque allá irás
que la hiel se t'arrebiente.*

56b

Lição.

Duque . *Manus tuae domine
fecerunt me y me criaste
et plasmaverunt me
díceme señor por qué
tan presto me derrocaste
de cabeza.
ruégote que no escaeza
quod sicut lutum me heciste
no permitas que perezca
y si quieres que padezca
para qué me redemiste?*

*pelle et carne me vestiste
ossibus nervis et vita
misericordia atribuiste
al hombre que tú heciste
pues ahora me visita.*

Diabo . *Ralear
que os tengo de llevar
a los tormentos que vistes
por demás os es rezar
que lo mío me han de dar
y vos mismo a mí os distes.*

Duque . *Oh llaga daquel costado
do la pasión dolorosa
de mi Dios crucificado
redemió al desterrado
de su patria gloriosa.
embarquemos
porque vuestros son los remos
nuestro es el capitán.*

Diabo . *Eso está en vellohemos.*

Duque . *Oh ángeles qué haremos
que no nos deja Satán?*

Anjo . *Son las leyes divinales
tan fundadas en derecho
tan primas y tan iguales
que Dios os quiera mortales
remediar vueso hecho.*

Diabo . *Remadores*
enviadme esos señores
que se tardan mucho allá.
Duque . *En vano hubo dolores*
Cristo por los pecadores
muy imposible será

pues es cierto que por nos
fue llevado ante Pilato
y acusado siendo Dios
señores no penséis vos
que le custamos barato.
y azotado
su cuerpo tan delicado
sólo de virgen nacido
sin padre humano engendrado
y después fue coronado
de su corona herido.

Vem a Morte e traz um Rei e diz o Rei:

. *Cuánto dolor se m'ajunta.*
Morte . *Señor qu'es de huesa alteza?*
Rei . *Oh regurosa pregunta*
pues me la tienes defunta
no resuscites tristeza.
oh ventura
fortuna perversa oscura
pues vida desaparece
y la Muerte es de tristura
adónde estás gloria segura
cuál dichoso te merece?

56d

Diabo . *Señor quiero caminar*
huesa alteza ha de partir.
Rei . *Y por mar he de pasar?*
Diabo . *Sí y aun tiene que sudar*
ca no fue nada el morir.
pasmaréis
si miráis dahí veréis
adó seréis morador
naquellos fuegos que veis
y llorando cantaréis
nunca fue pena mayor.

Lição.

Rei . *Taedet anima mea
vitae meae muy dolorida
pues la gloria que desea
me quita que no la vea
la muy pecadora vida
que pasé.
loquar in amaritudine
palabras muy dolorosas
de mi alma hablaré
a mi Dios y le diré
con lágrimas piadosas*

*noli me condemnare
indica mihi por qué
no me dejas quien me ampare
si al infierno bajare
tuyo so cómo seré?
ay de mí
cur me iudices así
pues de nada me heciste
mándame pasar aquí
ampárame fili Davi
que del cielo decendiste*

Responso.

*oh mi Dios ne recorderis
peccata mea te ruego
naquel tiempo dum veneris
quando el siglo destruyeres
con tu gran saña per fuego.
dirige a mí
vias meas pera ti
que aparezca en tu presencia.*

Diabo . *Huesa alteza vendrá aquí
porque nunca ca sentí
que aprovechase adherencia*

*ni lisonjas crer mentiras
ni voluntario apetito
ni puertos ni algeciras
ni diamanes ni zafiras
sino sólo aquese espirito
será asado.*

57a

*porque fuistes adorado
sin pensar serdes de tierra
con los grandes alterado
de los chicos descuidado
fluminando injusta guerra.*

Vai-se à barca dos Anjos e diz o Rei:

*. Oh remos de gran valor
oh llagas por nos habidas.*
Anjo *. Plega a nuestro redentor
nuestro Dios y criador
que os dé segundas vidas.
porque es tal
la morada divinal
y de gloria tanto alta
que ell'ánima humanal
si no viene oro tal
en ella nunca se esmalta.*

Rei *. Buen Jesús que apareciste
todo en sangre bañado
y a Pilato oiste
mostrándote al pueblo triste
eis el hombre castigado.
y reclamaron
y con la cruz te cargaron
por todos los pecadores
pues por nos te flagellaron
y a la muerte te allegaron
esfuerza nuestros temores.*

57b

Vem a Morte e traz um Emperador e diz a Morte:

*. Prosperado Emperador
huesa sacra majestad
no era bien sabedor
cuán fortísimo dolor
es acabar la edad.
y más vos
casi tenido por Dios.*
Emperador *. Oh Muerte no más heridas.*
Morte *. Pues otra más recia tos
es ésta.*
Emperador *. Sed libera nos
de jornadas doloridas*

*adónde me traes Muerte
qué te hice triste yo?*

Morte . *Yo voy hacer otra suerte
vos señor haceos fuerte
que vana gloria os mató.*

Emperador . *Cuán extraños
males das vida d'engaños
corta ciega triste amara
contigo dejo los años
entregásteme mis daños
y volvísteme la cara*

*mi triunfo allá te queda
mis culpas trayo conmigo
deshecha tengo la rueda
de las plumas de oro y seda
delante mi enemigo.*

Diabo . *Es verdad
huesa sacra majestad
entrará neste navío
de muy buena voluntad
porque usastes crueldad
y infinito desvarío.*

Emperador . *Oh maldito querubín
ansí como decendiste
de ángel a beleguín
querrias hacer a mí
lo que a ti mismo heciste.*

Diabo . *Pues yo creo
asegún yo vi y veo
que de lindo Emperador
habéis de volver muy feo.*

Emperador . *No hará Dios tu deseo.*

Diabo . *Ni el vuestro mi señor*

*veis aquellos despeñados
que echan daquellas alturas
son los más altos estados
que vivieron adorados
sus hechos y sus figuras.
y no dieron
en los días que vivieron
castigo a los ufanos*

57c

*que los pequeños royeron
y por su mal consintieron
cuanto quisieron tiranos.*

Lição.

Emperador . *Quis mihi hoc tribuat
ut in inferno protegas me
con mi flaca humanidad
de tu ira y gravedad
adónde m'esconderé?
oh señor
pase breve tu terror
a mis culpas da pasada
vocabis me pecador
responderte he con dolor
de mi ánima turbada*

Responso.

*oh libera me domine
de morte eterna contenda
en ti siempre tuve fe
tú me pone juxta te
in die illa tremenda.
quando caeli
sunt movendi contra mí
y las sierras y montañas
por la bondad que es en ti
que te acuerdes que nací
de pecadoras entrañas.*

57d

Vai-se o Emperador aos Anjos e diz o Diabo:

. *Allá vais acá vernéis
que acá os tengo escrito
por más que me receléis
vos y los otros iréis
para el infierno bendito.*
Emperador . *No he temor
piadoso es el señor.
Dios os salve remadores.*
Anjo . *Bien vengáis Emperador.*
Emperador . *Angélico resplandor
consirad nuestros dolores*

*adóroos llagas preciosas
remos del mar más profundo
oh insignias piadosas
de las manos gloriosas
las que pintaron el mundo.
y otras dos
de los pies remos por nos
de la parte de la tierra
esos remos vos dio Dios
para que nos libréis vos
y paséis de tanta guerra.*

Anjo . *No podemos más hacer
que desear vuestro bien
vuestro bien nuestro placer
nuestro placer es querer
que no se pierda alguien.*

Diabo . *Qué pide allá?
tuvo el paraíso acullá
no le falta sino pena
la pena prestes l'está.*

Emperador . *La pasión me libraré
de tu infernal cadena*

*vivo es el esforzado
gran capitán per natura
que por nos fue tan cargado
con la cruz en el costado
por la calle de amargura.
y pregones
denunciando las pasiones
de su muerte tan cercana
y llevada con sayones
al monte de los ladrones
la majestad soberana.*

58a

Vem a Morte e traz um Bispo e diz o Bispo:

*. Muy crueles voces dan
los gusanos cuantos son
adó mis carnes están
sobre cuáles comerán
primero mi corazón.*

Morte . *No curés
señor Obispo hecho es
a todos hago esa guerra.*
Bispo . *Oh mis manos y mis pies
cuán sin consuelo estarés
y cuán presto seréis tierra.*

Diabo . *Pues que venís tan cansado
vernéis aquí descansar
porque iréis bien asentado.*
Bispo . *Barquero tan desestrado
no ha obispos de pasar.*
Diabo . *Sin profía
entre vuesa señoría
que este batel infernal
ganaste por fantasía
halcones d'altenaría
y cosas deste metal*

*dahí donde estáis veréis
unas calderas de pez
adonde os coceréis
y la corona asaréis
y frigiréis la vejez.
Obispo honrado
porque fuistes desposado
siempre desde juventud
de vuestros hijos amado
santo bienaventurado
tal sea vuestra salud.*

58b

Lição.

Bispo . *Responde mihi cuántas son
mis maldades y pecados
veremos si tu pasión
bastará a mi redención
aunque mil veces dobrados.
pues me heciste
cur faciem tuam ascondiste
y niegas tu piedad
al ánima que redemiste?
contra folium escribiste
amargura y crueldad*

Responso.

*memento mei deus señor
quia ventus est vita mea
memento mei redentor
envía esfuerzo al temor
de mi alma dolorida.
ay de mí
de profundis clamavi
exaudi mi oración.*

Diabo . *Obispo paréceme a mí
que habéis de volver aquí
a esta santa embarcación.*

Vai-se o Bispo ao batel dos Anjos e diz:

*. Oh remos maravillosos
oh barca nueva segura
socorro de los llorosos
oh barqueros gloriosos
en vos está la ventura.
he dejado
mi triste cuerpo cuitado
del vano mundo partido
de todas fuerzas robado
dell' alma desamparado
con dolores despedido*

*bien basta fortuna tanta
pasadme esta alma por Dios
porque el infierno m'espanta.*

Anjo . *Si ella no viene santa
gran tormenta corréis vos.*

Bispo . *Yo confío
en Jesús redentor mío
que por mí se desnudó
puestas sus llagas al frío
se clavó naquel navío
de la cruz donde espiró.*

58c

Vem a Morte e traz um Arcebispo e diz a Morte:

*. Señor Arzobispo amigo
que vos parece de mí?
bien peleastes conmigo.*

Arcebispo . *No puede nadie contigo
y yo nunca te temí.
oh Muerte amara
la vida nos cuesta cara
el nascer no es provecho.*
Morte . *Voy hacer otra seara.*
Arcebispo . *Oh faciones de mi cara
oh mi cuerpo tierra hecho*

*qué aprovecha en el vivir
trabajar por descansar
qué se monta en presumir
de qué sirve en el morir
candela para cegar?
ni placer
en el mundo por vencer
estado de alta suerte
pues presto deja de ser
nos morimos por lo haber
y es todo de la muerte.*

Diabo . *Lo que queda es lo seguro
señor venga acá ese esprito.*
Arcebispo . *Oh qué barco tan oscuro.*
Diabo . *En él iréis yo os lo juro.*
Arcebispo . *Cómo m'espantas maldito
indiablado.*
Diabo . *Vos arzobispo alterado
tenéis acá que sudar
moristes muy desatado
y en la vida ahogado
con deseos de papar*

*quien anduvo a poja larga
anda acá por la bolina
lo más dulce acá se amarga
vos caístes con la carga
de la iglesia divina.
los menguados
pobres y desamparados
cuyos dineros vos lograstes
deseosos hambreados
y los dineros cerrados
en abierto los dejastes.*

58d

Arcebispo . *Eso y más puedes decir.*
Diabo . *Ora pues alto embarcar.*
Arcebispo . *No tengo contigo d'ir.*
Diabo . *Señor habéis de venir
a poblar nuestro lugar.
veislo? está
vuesa señoría irá
en cien mil pedazos hecho
y para siempre estará
en agua que herverá
y nunca seréis deshecho.*

Lição.

Arcebispo . *Spiritus meus tu hechura
attenuabitur mis días
breviabuntur y tristura
me sobra y la sepultura
no sé por qué me hacías.
non peccavi
putredini meae dixi
padre y madre mía eres
vermibus soror et amici
quare fuisti me inimici
señor de todos poderes?*

Responso.

*credo quod redemptor
meus vivit y lo veré.*
Diabo . *Veréis por vuestro dolor.*
Arcebispo . *Mas porque es mi salvador
yo en él me salvaré.
Dios verdadero
en el día postrimero
de terra surrecturus sum
et in carne mea entero
videbo Deum cordero
Christum salvatorem meum*

59a

Vai-se o Arcebispo aos Anjos e diz:

*dadnos alguna esperanza
barqueros del mar del cielo
por la llaga de la lanza
que nos paséis con bonanza
a la tierra de consuelo.*

Anjo . *Es fuerte cosa
entrar en barca gloriosa.*
Arcebispo . *Oh reina que al cielo subiste
sobre los coros lustrosa
del que te crió esposa
y tú virgen lo pariste*

*pues que súpito dolor
per san Juan recibiste
con nuevas del redentor
y mudada la color
muerta en tierra decendiste.
oh despierta
pues eres del cielo puerta
llevántate cerrada huerta
con tu hijo nos concierto
madre de consolación
mira nuestra redención
que Satán la desconcierta.*

Vem a Morte com um Cardeal e diz a Morte:

. *Vos Cardenal perdonad
que no pude más aína.*
Cardeal . *Oh guía d'escuridad
robadora de la edad
ligera ave de rapina.
qué mudanza
hizo mi triste esperanza
fortuna que m'ayudaba
pesó en mortal balanza
la firmeza y confianza
que el falso mundo me daba.*

59b

Diabo . *Domine Cardenalis
entre vuesa perminencia
iréis ver vuestos iguales
a las penas infernales
haciendo su penitencia.
pues moristes
llorando porque no fuistes
siquiera dos días papa
y a Dios no agradecistes
viendo cuán bajo os vistes
y en después os dio tal capa*

*y no quiero declarar
cosas más pera decir
determinad d'embarcar
y luego sin dilatar
que no tenéis que argüir.
sois perdido
oís aquel gran roído
nel lago de los leones
despertad bien el oído
vos seréis allí comido
de canes y de dragones.*

Lição.

*Cardeal . Todo hombre que es nascido
de mujer tien breve vida
que quasi flos es salido
y luego presto abatido
y su alma perseguida.
y no pensamos
quando la vida gozamos
cómo d'ella nos partimos
y como sombra pasamos
y en dolores acabamos
porque en dolores nascimos*

59c

Responso.

*peccantem me quotidie
et non me paenitentem triste
sancte Deus adjuva me
pues fue cristiana mi fe
sucurre dolores Christe.
oh Dios eterno
señor quia in inferno
nulla est redemptio
oh poderío sempiterno
remedia mi mal moderno
que no sé por dónde vo.*

Vai-se o Cardeal ao batel dos Anjos e diz o Diabo:

*. Vaisvos señor Cardenal
vuelta vuelta a los franceses.
Cardeal . Déjame plaga infernal.*

Diabo . *Vos vistes por voso mal
los años días y meses.*

Cardeal . *Marineros
remadores verdaderos
llagas remos carabela
embarcad los pasajeros
que vos sois nuestos remeros
y la piedad la vela.*

Anjo . *Socorreos Cardenal
a la madre del señor.*

Cardeal . *Oh reina celestial
abogada general
delante del redentor.
por el día
señora virgen María
en que lo viste llevar
tal que no se conocía
y vuesa vida moría
nos queráis resocitar.*

Vem a Morte e traz um Papa e diz a Morte:

*. Vos padre santo pensastes
ser inmortal tal os vistes
nunca me considerastes
tanto en vos os enlevastes
que nunca me conocistes.*

59d

Papa . *Ya venciste
mi poder me destruiste
con dolor descompasado.
oh Eva por qué pariste
esta Muerte amara y triste
al pie del árbol vedado*

*ésta es viva y has parido
a todos tus hijos muertos
y mataste a tu marido
poniendo a Dios en olvido
en el huerto de los huertos.
veisme aquí
muy triste porque nascí
del mundo y vida quejoso
mi alto estado perdí
veo el Diablo ante mí
y no cierto el mi reposo.*

Diabo . *Venga vuesa santidad
en buen hora padre santo
beatissima majestad
de tan alta dignidad
que moristes de quebranto.
vos iréis
en este batel que veis
comigo a Lucifer
y la mítara quitaréis
y los pies le besaréis
y esto luego ha de ser.*

Papa . *Sabes tú que soy sagrado
vicario en el santo templo.*

Diabo . *Cuanto más de alto estado
tanto más es obligado
dar a todos buen ejemplo.
y ser llano
a todos manso y humano
cuanto más ser de corona
antes muerto que tirano
antes pobre que mundano
como fue vuesa persona*

60a

*lujuria os desconsagró
soberbia os hizo daño
y lo más que os condenó
simonía con engaño.
vení embarcar
veis aquellos azotar
con vergas de hierro ardiendo
y después atanazar
pues allí habéis d'andar
para siempre padeciendo.*

Lição.

Papa . *Quare de vulva me eduxisti
mí cuerpo y alma señor?
en tu silla me subiste
en tu lugar me pusiste
y me hiciste tu pastor.
mejor fuera
que del vientre no saliera
y antes no hobiera sido*

*ni ojo de hombre me viera
y como el fuego a la cera
me hobieras consumido*

Responso.

*heu mihi heu mihi señor
quia peccavi nimis in vita
quid faciam miser peccador
ubi fugiam malhechor?
oh piedad infinita.
para ti
amercéate de mí
que para siempre no llore
mándame pasar daquí
que nel infierno no ha hi
quien te loe ni te adore.*

60b

Diabo . *Qué me penan esos puntos
después que pasa el vivir?
mirad señores defuntos
todos cuantos estáis juntos
para el infierno habéis d'ir.*

Anjo . *Oh pastor
porque fuiste guiador
de toda la cristiandad
habemos de ti dolor
plega a Jesú salvador
que t'envíe piedad.*

Papa . *Oh gloriosa María
por las lágrimas sin cuento
que lloraste en aquel día
que tu hijo padecía
que nos libres de tormento
sin tardar
por aquel dolor sin par
cuando en tus brazos lo viste
no le pudiendo hablar
y lo viste sepultar
y sin él d'él te partiste.*

Anjo . *Vuestas preces y clamores
amigos no son oídas
pésanos tales señores*

*iren a aquellos ardores
ánimas tan escogidas.
desferir
ordenemos de partir
desferir bota batel
vosotros no podéis ir
que en los yerros del vivir
no os acordastes d'él.*

O desfile terminou. O espectador de 1519 sabe que a Morte não trará mais ninguém, pois já se cumpriu o programa anunciado – o grupo previsto (*desde el Conde hasta el Papa*) foi-se constituindo e está reunido em cena. Sequencialmente, cada figura descreveu o mesmo percurso e veio ocupar um lugar desenhado num plano prévio de conjunto, que só se completa neste momento do auto.

Nas sucessivas entradas, o teatro repetiu, por palavras novas e com algumas figuras diferentes, uma sequência de momentos paralelos, que se executa oito vezes.

O primeiro momento de cada número corresponde à chegada dos poderosos a um espaço que já existiu, em lugares diferentes, nas representações de *Inferno* e de *Purgatório* – a *muy honda rivera* onde estão duas barcas, a dos Diabos e a dos Anjos. Em *Glória*, último auto em que se julgam almas depois de deixarem a vida, por um gesto de inovação teatral, a morte ganha um corpo. Cada uma das altas dignidades entra em cena pela sua mão, ao ritmo de um movimento de ir e vir que se repete – imagem teatralizada da Morte como inexorável ceifeira de vidas (*voy hacer outra seara* – 58c).

Não se sabe como apareceu caracterizada esta figura nova do teatro de Vicente, mas, no século XVI, a iconografia já a representa sob a forma de esqueleto humano, pelo menos nas danças macabras, cujo ritual parece ser retomado em *Glória*. A alegoria medieval da Morte que arrasta os homens, sem olhar à idade nem à condição, encontra-se divulgada nas artes da Europa e inspira também o motivo de *La Danza de la Muerte* espanhola, de finais do século XV ou início do século XVI. No auto de Vicente, no entanto, a Morte tem uma função muito mais limitada, *não desempenha o papel de protagonista e condutora de todo o jôgo cénico, mas tão-sòmente se reduz a ser uma espécie de introdutora das várias personagens* (Quintela 1941: XXXVII). As palavras do auto conservam alguns indícios do seu percurso em cena – parece acompanhar as figuras até perto da barca do Diabo, como anunciara (*yo los porné ante vos*), o que lhe permite dizer ao Conde: *Hablad con ese barquero*.

As figuras do poder não têm nome. Ao trazê-las, a Morte trata-as pelos seus títulos, referindo um estatuto social que o espectador certamente identifica pela indumentária. A ordem de entrada respeita as hierarquias do poder quinhentista nos dois grupos apresentados – os mais importantes, os que têm

más guaridas, são os últimos a ser trazidos e as dignidades eclesiásticas constituem a última série.

A figura do rei é representada numa posição desfavorável, o que acontece pela primeira vez em teatro na corte (Bell 1920, 1940). Perante Manuel I, que assiste ao espectáculo, o Rei de *Glória* é, no entanto, um Rei abstracto, elemento de um grupo de poderes, sem contaminação com a realidade portuguesa.

O representante máximo do domínio temporal surge na figura do Emperador. O título é de grande actualidade, pois Carlos V torna-se imperador em 1519, numa altura em que as relações matrimoniais entre as famílias reais portuguesa e castelhana aproximam as duas cortes. O Emperador de *Glória*, como os outros poderosos, não é individualizado. A Morte reconhece a influência suprema que um imperador exerce na terra (*casi tenido por Dios*), mas lembra que, depois de morrer, não existe poder terreno que salve. Com um trecho do *Pai Nosso*, o Emperador suplica: *sed libera nos \ de jornadas doloridas*, dirigindo-se talvez a Deus, no espaço sagrado que é a capela de Almeirim. Logo a seguir, as suas palavras são, como noutras sequências, memória de um percurso de entrada a chegar ao fim, junto do Diabo (*adónde me traes Muerte*).

É a primeira figura da série do poder espiritual, o Bispo, que descreve, pela primeira vez no auto, o estado do corpo morto, cheio de vermes. De forma isolada, este membro da Igreja parece revelar maior preocupação com as *carnes* do que com o espírito:

*. Muy crueles voces dan
los gusanos cuantos son
adó mis carnes están
sobre cuáles comerán
primero mi corazón.*

58a

Confrontadas com a Morte, no entanto, as altas dignidades reconhecem a fraqueza dos seus actos e a fragilidade da vida terrena. As suas palavras são de arrependimento e humilhação – para passar na barca dos Anjos, o Conde iria mesmo *por grumete*. O tom geral de reconhecimento da pequenez humana e de fé na graça divina distancia *Glória*, auto de semana santa, dos outros autos com barcas.

Num segundo momento repetido em cada sequência, o Diabo acusa os membros do poder, traça o seu juízo, determina a sentença merecida. Especifica, até onde pode, uma função que, em *La Danza de la Muerte*, era atribuída à Morte. Esta unidade de articulação não existe completa desde o início no programa – é um momento a constituir-se, a encontrar palavras e espaço no auto.

Nas acusações feitas às primeiras figuras, o Diabo limita-se a apontar

defeitos. Parece evocar, na figura do Conde *placentero a las hembras*, o Fidalgo dom Anrique que embarcara em *Inferno*. As palavras dirigidas ao Duque podem descrever a maneira como a figura está caracterizada no auto (*siempre fuistes amarillo \ hecho oro de martillo*), numa feliz conjugação de efeitos.

Na sequência do Rei, o momento da acusação começa a tornar-se mais elaborado. O Diabo determina a sentença (*Huesa alteza vendrá aqui*), apresentando como justificação (*porque...*) uma lista de riquezas vãs na morte e um rol de actos que condenam a figura à barca infernal. Ao Emperador, cujo poder em vida era quase infinito, o Diabo sentencia idêntico destino (*huesa sacra majestad \ entrará neste navío*), acusando-o de *crueldad \ y infinito desvarío*.

Os pecados parecem aumentar na proporção directa do aumento do poder. As falas do Diabo dirigidas às figuras eclesiásticas são mais longas, mais recheadas de acusações, como se as suas vidas, que deveriam ser exemplo dos fiéis, tivessem sido mais reprováveis do que quaisquer outras. Recordam pecados já satirizados noutros autos – a principal acusação feita ao Bispo (*fuistes desposado \ siempre desde juventud \ de vuestros hijos amado*) aparecera representada pelo Frade de *Inferno*, que vinha com a sua *senhora Florença* (46c). Os membros da *iglesia divina* são condenados por vícios que os afastam da moral católica, como a ambição e a exploração dos pobres, no número do Arcebispo. O desejo de ser papa, explícito nas acusações ao Cardeal, pode também ter sido referido, de forma ambígua, nas palavras dirigidas ao Arcebispo (*con deseos de papar*). A lista mais completa de pecados é atribuída ao Papa, figura dominante da hierarquia da Igreja, que deveria servir de espelho dos cristãos: o Diabo acusa-o de tirano, soberbo, mundano, luxurioso, mas condena-o sobretudo pela simonia.

No momento seguinte das oito sequências, as figuras são provavelmente levadas à contemplação de um quadro que, na capela de Almeirim, representaria o Inferno. Na economia do auto, o Diabo desenha o lugar que as almas presentes merecem, depois do juízo final. A morfologia do Inferno – *mar, lago, alturas, peñas* – é descrita como sede de torturas e sofrimento, em versos muito animados de acção.

No mesmo espaço, o Lucifer de *História de Deos* (152?) também vai enumerar os lugares infernais. As imagens produzidas, tanto num auto como no outro, são tradicionais e relacionam-se de forma indirecta com a *Visão de Túndalo* (Saraiva 1942, 1981). Alguns fragmentos do discurso do Diabo parecem ser leitura do quadro:

*veis aquellos fuegos bien
allí se coge la frol*

55c

*veis aquel gran fumo espeso
que sale daquellas peñas*

- . Veis aquella puente ardiendo
muy lejos allén del mar
y unas ruedas volviendo
de navajas y hiriendo?* 56b
- si miráis dahí veréis
adó seréis morador
naquellos fuegos que veis* 56d
- veis aquellos despeñados
que echan daquellas alturas
son los más altos estados
que vivieron adorados
sus hechos y sus figuras.* 57c
- dahí donde estáis veréis
unas calderas de pez
adonde os coceréis
y la corona asaréis
y frigiréis la vejez.* 58a
- . Señor habéis de venir
a poblar nuestro lugar.
veislo? está
vuesa señoría irá
en cien mil pedazos hecho
y para siempre estará
en agua que herverá
y nunca seréis deshecho.* 58d
- oís aquel gran roído
nel lago de los leones
despertad bien el oído
vos seréis allí comido
de canes y de dragones.* 59b
- veis aquellos azotar
con vergas de hierro ardiendo
y después atanazar
pues allí habéis d'andar
para siempre padeciendo.* 60a

Perante esta antevisão do fogo infernal, inevitável castigo dos pecadores, as altas dos poderosos cultivam ainda a fé que pode salvar. Confiando na salvação dos homens pela morte de Cristo (*veremos si tu pasión \ bastará a mi redención*, reza o Bispo), cada uma das figuras profere uma *lição* de humildade, que inclui sempre falas para Deus ou para o seu filho. A partir do Rei, as sequências integram também um *responso*. Os grandes senhores que dominam a sociedade assumem-se como homens desprovidos de poder, abandonados à humana condição sofredora, sem, no entanto, deixarem de crer em Deus. Nos versos das lições e dos resposos, algumas expressões e palavras, por vezes em latim, ecoam passos litúrgicos do *Ofício de Defuntos*, do *Livro de Job* e dos *Salmos*.

Nos diferentes números, existe também um momento em que é aos Anjos que as altas dignidades pedem salvação, parecendo aproximar-se da barca da Glória. Só o mais poderoso, o Papa, não repete este gesto.

As palavras dirigidas aos barqueiros da Glória podem ajudar a reconstituir o auto, na medida em que há adereços e objectos do cenário que são citados. O Conde, o Bispo, o Arcebispo e o Cardeal interpelam os Anjos como *remadores*, *remeros*, *barqueros gloriosos* ou *marineros*. A barca, que tem a *vela* da piedade, deve ser grande: o Cardeal chama-lhe *carabela*. Neste auto, a barca da Glória pode ter sido representada com dimensões superiores às que apresentava em *Inferno* e em *Purgatório*, mais convenientes ao final que a *Copilaçam* de 1562 regista.

Quase todas as figuras invocam os remos (ou chagas de Cristo), de forma genérica ou especificando-os: o Duque refere a chaga do peito (*oh llaga daquel costado*), o Imperador conta apenas quatro remos, os das chagas das mãos e dos pés, e o Arcebispo pede *por la llaga de la lanza*.

As palavras dos Anjos às figuras (mesmo ao Papa, que não se lhes dirige) fazem parte de outro momento que se repete nas várias sequências (excepto na do Conde). Os barqueiros da Glória parecem anunciar já o desfecho do auto, remetendo a decisão final para o poder e piedade de Deus. Manifestam a vontade de que *no se pierda alguién*, insinuada desde a sua primeira fala, em que pedem a salvação destes mortos (*oh virgen nuestra señora \ sed vos su socorredora \ en la hora de la muerte*).

Para as três primeiras figuras do poder religioso, no entanto, os Anjos não invocam o auxílio divino. Mas, nos dois versos que dirigem ao Cardeal, aconselham-no a recorrer à influência da mãe de Cristo para conseguir a salvação.

No final de cada número, as altas dignidades dirigem-se a Cristo ou à Virgem, lembrando passos da paixão e morte de Jesus. Em tempo de Páscoa, o teatro representa por palavras alguns quadros do Calvário. As meditações são mais actuais se perante os olhos das figuras e dos espectadores estiver

uma Via Sacra, na capela de Almeirim. A lembrança da morte do filho de Deus para salvação dos Homens parece ser certeza do final que se espera (*La pasión me libraré \ de tu infernal cadena*, diz o Emperador), símbolo de fé no poder do Jesus pintado na vela:

Bispo . *Yo confío* 58c
en Jesús redentor mío
que por mí se desnudó
puestas sus llagas al frío
se clavó naquel navío
de la cruz donde espiró.

Até ao final destas oito sequências, o auto foi a construção de um quadro vivo, que outras artes, noutros tempos, também vão representar. Os altos estados encontram-se agora reunidos, de joelhos, com o crucifixo pintado na vela da embarcação dos Anjos – Cristo morto é, até este momento, representado a duas dimensões.

60.

Nota que neste passo os Anjos desferem a vela em que está o crucifixo pintado e todos assentados de joelhos lhe dizem cada um sua oração.

O teatro acontece agora de outro modo. O júízo encontra-se suspenso, mesmo depois de o Diabo proferir a sentença: *para el infierno habéis d'ir* e de o Anjo lamentar: *vosotros no podéis ir*. Com esperança na graça divina, os altos estados do mundo ajoelham-se em oração colectiva. As preces humildes destes poderosos, talvez determinantes em *Glória*, podem já ter sido ensaiadas na oração de Marta Gil à Virgem, em noite de Natal (*Purgatório*).

Primeiro começa o Papa dizendo:

60c

. Oh pastor crucificado
cómo dejas tus ovejas
y tu tan caro ganado
pues que tanto te ha costado
inclina a él tus orejas.

Emperador . *Redentor*
echa el áncora señor
en el hondón desa mar
de divino criador
de humano redentor
no te quieras alargar.

- Rei . *Oh capitán general
vencedor de nuestra guerra
pues por nos fuiste mortal
no consientas tanto mal
manda remar para tierra.*
- Cardeal . *No quedemos
manda que metan los remos
hace la barca más ancha
oh señor que perecemos
oh señor que nos tememos
máندانos poner la prancha.*
- Duque . *Oh cordero delicado
pues por nos estás herido
muerto y tan atormentado
cómo te vas alongado
de nuestro bien prometido.* 60d
- Arcebispo . *Fili Davi
como te partes aquí
al infierno nos envías
la piedad que es en ti
cómo la niegas así
por qué nos dejas Mesías?*
- Conde . *Oh cordero divinal
médico de nuestro daño
viva fuente perenal
nuesa carne natural
no permitas tanto daño.*
- Bispo . *Oh flor divina
in adjuvandum me festina
y no te vayas sin nos
tu clemencia a nos inclina
sácanos de foz malina
benigno hijo de Dios.*

As orações não são rezadas pela ordem de entrada das figuras na primeira parte do auto. Na *Copilaçam* de 1562, a sequência, que respeita a ordem decrescente do poder, alternando pelas duas séries, pode ou não estar trocada.

Nam fazendo os Anjos menção destas preces, começaram a botar o batel às varas e as almas fizeram em roda ãa música a modo de pranto com grandes admirações de dor e veio Cristo da ressurreição e repartiu por eles os remos das chagas e os levou consigo.

Não há memória de palavras do auto a acompanhar as acções finais narradas na rubrica.

O filho de Deus adulto é mais uma figura nova no teatro de Vicente. Este Cristo *da ressurreição* é representado em corpo vivo de actor, numa coincidência feliz de materiais e efeitos. Os seus gestos não são muito claros: como e por quem é que se faz a repartição dos cinco remos das chagas (trazidos no início do auto pelos quatro Anjos)? É também possível que as palavras da rubrica inicial queiram referir cinco pares de remos, de distribuição mais fácil: um remo para cada uma das oito figuras trazidas pela Morte e um par para o próprio Cristo ou para um Anjo. A música *a modo de pranto* pode, no fim, tornar-se outra ou silenciar-se.

O gesto final de salvação das almas dá razão à voz do Diabo que, em 1518, parecia querer enganar a Alma: *na hora que a morte vier \ como xiquer \ se perdoam quantos dãos \ a alma tem* (40c). Depois de *Inferno* e de *Purgatório*, em que não há salvação imerecida, o desfecho de *Glória* articula-se com o momento religioso da representação, agradando certamente a quem assistiu.

Laus Deo.

O texto de *Glória* aparece censurado, com dois cortes, na *Copilaçam* de 1586. O primeiro elimina seis versos da acusação do Diabo ao Bispo:

*Obispo honrado
porque fuistes desposado* 58b
*siempre desde juventud
de vuestros hijos amado
santo bienaventurado
tal sea vuestra salud.*

Este gesto parece ditado pelo mesmo cuidado de vigiar desrespeitos ou escárnios a *peessoas eclesiásticas*, mencionado na regra geral do índice de 1581, e que tinha já levado à supressão da figura do Frade em *Inferno*.

O segundo corte tem lugar na prece do Conde ao Cristo crucificado e implicou a supressão de três versos, em que pode não ter agradado a palavra *carne*, num fragmento interpretado como próximo do herético:

viva fuente perenal 60d
*nuesa carne natural
no permitas tanto daño.*

O índice de 1624 interfere na rubrica que descreve as acções finais do auto e gera um lugar crítico de muita literatura pelos séculos a vir. Manda riscar tudo o que está a partir de *grandes admirações de dor* na edição de 1562 e impõe uma história sem desfecho explícito. Contando assim o fim do auto, nem Cristo vem salvar aquelas almas abandonadas pela barca da Glória, que parte, nem o leitor sabe o que lhes sucede.

Houve quem executasse tal e qual, acto obediente mas desatento – como aconteceu no exemplar de 1562 que está em Mafra e no de 1586 que serviu de base ao livro *Autos das Três Barcas* de Estúdios Cor, de 1967.

Mas houve quem não só riscasse como acrescentasse novo texto manuscrito, que não conta exactamente o mesmo, nem parece dizer nada de mais ortodoxo: *aparece-lhes o Senhor ressuscitado: volta outra vez o batel à terra, embarcam todos com grande gozo para a Glória*. É o caso de um exemplar da edição de 1715 do *Auto da terceira barca*, descrito por Freire (1919, 1944: 457-458).

O índice de 1747 ainda manda que *se borre: Y vino Christo de la Resurreccion (...) hasta Laus Deo*.

Referências

Aubrey Bell

- 1920 «Gil Vicente»
Four Plays of Gil Vicente
1940 tradução portuguesa
Estudos Vicentinos
Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Teófilo Braga

- 1898 *Gil Vicente e as Origens do Teatro Nacional*
Porto: Chardron

Pierre David

- 1945 «Notes sur deux motifs introduits par Gil Vicente dans l'Auto
da embarcação da Glória»
Boletim de Estudos Portugueses X (189-203)

Anselmo Braamcamp Freire

- 1919 *Vida e Obras de Gil Vicente «Trovador, Mestre da Balança»*
1944 segunda edição
Lisboa: Ocidente

Paulo Quintela

- 1941 *Gil Vicente. A Barca da Glória*
Coimbra: Coimbra Editora
- 1956 *Auto da Barca da Glória*
Lisboa: Artis

António José Saraiva

- 1942 *Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval*
1981 terceira edição
Lisboa: Bertrand